



Editorial

Evidências e incertezas

Quando o principal partido da oposição (o PS) conquistou o maior número de câmaras municipais da sua história, esse facto estatístico e político não passa, não pode passar despercebido a todos aqueles que têm interesse no rumo que o País leva. Acresce a esta vitória um importante enfraquecimento autárquico do principal partido do Governo (o PSD), quanto ao número de votos e de mandatos. E o abalo transmitiu-se à, até ao momento, inexpugnável região autónoma da Madeira.

A *troika*, para efeitos de planificação do último troço de oito meses até ao fim do programa de assistência (PAEF), e os credores, para desvendarem o que espera o futuro da governação em Portugal para lá de maio de 2014, estudaram certamente o comportamento do eleitorado lusitano nestas eleições locais. E o que resulta do escrutínio é, dito da forma mais simples, o enfraquecimento do Governo e o ganho de peso político do PS.

Acontece que o Executivo e a direção do PS não se entendem em quase nada e vem aí um Orçamento do Estado para 2014 com medidas de corte na despesa muito polémicas, contra as quais – mesmo antes de serem conhecidas na sua dimensão e alcance concretos – o líder do PS já anunciou o voto contra do seu partido. Mas como as alternativas socialistas para solucionar os dilemas orçamentais do Estado não são conhecidas (por tabu, trunfo ou inexistência), fica ainda mais incerta a trajetória política face a uma dívida pública excessiva no futuro próximo, já que as pretensões dos socialistas em recuperar as rédeas do poder ganharam maior consistência no passado domingo.

A resposta da *troika* só pode ser uma: quanto mais incerto o futuro, mais apertado o presente. Não se esperem, por isso, quaisquer concessões para o próximo Orçamento.

Lições de outras crises

Mais uma vez, os Estados Unidos vivem uma crise que resulta do seu particular modelo político. Mas também do choque real entre a visão democrata – que poderá conter alguns elementos de *wishful thinking* mas procura responder a problemas e dados novos na organização das sociedades – e a visão de um Partido Republicano refém de interesses contraditórios e de um olhar cada vez mais retrógrado de um modelo social, que simplifica até tornar irreconhecível referências dos fundadores dos EUA.

Barack Obama tem razão em caracterizar o sucedido como uma “cruzada ideológica” que visa interferir na vida dos americanos. Exatamente o contrário do que se propõem defender as correntes que, no interior do Partido Republicano, desencadearam a ofensiva contra recentes medidas da Administração, como a reforma do sistema de saúde. Mas Obama, se olhar para as anteriores crises em torno das finanças federais, desde 1981, verá que foram sempre penalizados aqueles que procuraram “forçar a mão” do Presidente em cada circunstância.

A prazo, no atual quadro político, deverão ser os democratas a beneficiar desta crise e os republicanos a continuarem em crise, em busca da definição de uma identidade, continuando a hesitar entre os seus valores clássicos e o populismo básico do Tea Party.